

Colectivo Libertário Évora

<https://colectivolibertarioevora.wordpress.com/tag/rene-berthier/>

René Berthier: “Os anarquistas não podem privar-se de uma organização estruturada”

Em Março passado publicámos [um texto](#) de René Berthier (), na tradução de asl, intitulado “O anarquismo e a noção de partido”. Dias depois, [Manuel Baptista](#) num comentário ao mesmo artigo referia ser “favorável à construção de sindicatos de base, não sindicatos anarquistas”. E acrescentava que era “difícil compreender como se situa René em relação a este ponto fulcral”. Agora, em [novo comentário](#) enviado há dia (24 de setembro) René Berthier desenvolve os seus pontos de vista e considera que esta questão “é central para a estratégia do movimento libertário”. Fica aqui este novo “acrescento” de René Berthier precisando e desenvolvendo os seus pontos de vista sobre a questão da organização libertária e da organização sindical. Fizémos apenas algumas pequenas alterações de forma (uma vez que René Berthier nos enviou este artigo já em português).*

Manuel Baptista

Uma organização sindical, portanto «não específica», não deve pretender impor um ideário de anarquismo, seja ele «anarco-sindicalismo», a pessoas não anarquistas que, por hipótese, estejam conjuntamente organizadas com eles, num sindicato ou noutra organização de base do movimento social.

Os actuais anarco-sindicatos às vezes, são um (mau) exemplo disso. Eu penso que a luta social é a verdadeira luta e que a «luta» política somente a representação

fantasmagórica da verdadeira luta, da luta de classes.



Sou favorável à construção de sindicatos de base, não sindicatos anarquistas. É difícil compreender como se situa René em relação a este ponto fulcral.

Em relação à terminologia, estamos sempre a encontrar palavras que significam coisas diferentes, consoante são pronunciadas por A ou por B. Por isso, não me escandalizo se uma organização específica usar a palavra «partido» nalguns textos teóricos. Mas, o que tem importância realmente, é quando um agrupamento específico anarquista adopta uma estrutura hierárquica na organização e decisão.

René Berthier

Companheiro,

Você levanta a questão que me parece central para a “estratégia” do movimento libertário desde o início: a relação entre a organização de classes (que reúne os trabalhadores em função de seu papel no processo de produção, seja chamada de “sindicato” ou não) e a chamada organização “específica” que reúne as pessoas independentemente de seu papel no processo de produção, sejam eles trabalhadores assalariados ou não, em função de um programa. (Gostaria de salientar que o conceito de uma organização específica não foi inventado de todo por grupos, especialmente grupos latino-americanos, que reivindicam ser “especificistas”).

Este problema já está presente no tempo de Bakunin com a questão da relação entre as seções e federações da AIT e a Aliança Internacional para a Democracia Social.

A Aliança era uma estrutura informal, na qual havia muito barulho e faz muito fluxo de tinta. A Aliança tinha como objetivo coordenar a atividade dos ativistas federalistas na Internacional. Alguns ativistas de hoje, que aderem às teses da Plataforma de Arshinov, estão tentando provar que a Aliança Bakuniniana era uma organização do tipo “plataformista”, mas estão errados: em minha opinião, este é um ponto de vista completamente abusivo e anacrônico.

O problema é que muitos anarquistas que não são sindicalistas, aqueles que defendem uma organização específica, parecem ter grande dificuldade em definir como se organizar e o que fazer com esta organização.

A Plataforma de Arshinov foi uma tentativa de encontrar uma solução para a improvável confusão doutrinária e organizacional em que o movimento anarquista foi então encontrado (estou me referindo acima de tudo ao movimento anarquista francês, que eu conheço melhor), e o clamor que ele gerou foi acima de tudo um sintoma do estado de decadência do movimento anarquista da época. Como notoriamente eu próprio não sou um plataformista, não tenho vergonha de aderir ao princípio de que, quando uma decisão é tomada, ela é aplicada. Eu escrevi em algum lugar que a plataforma de Arshinov não era mais “autoritária” do que os estatutos de um clube de futebol, com suas assembleias gerais, sua tomada de decisão e seu comitê eleito.

Precisamente no mesmo ano em que a Plataforma Archinov foi publicada (1926), foi criada em França a “CGT-Syndicaliste révolutionnaire”, cujos membros variavam entre 15.000 e 5.000 membros, e cujos estatutos eram tanto, se não mais “autoritários” do que os da Plataforma

Apesar da sua pequena dimensão, a CGT-SR foi uma verdadeira organização sindical, liderando as lutas dos trabalhadores, mas, de certa forma, também desempenhou o papel de uma organização específica.

Penso também que uma organização sindical não deve pretender ser anarquista. Mas o anarco-sindicalismo (como o sindicalismo revolucionário) é outra coisa: não é uma doutrina, é um conjunto de práticas destinadas a conduzir a um objetivo. Este objectivo está claramente definido na Carta de Amiens, adoptada em 1906 pela CGT francesa.

Este documento afirma, por um lado, que

“A CGT agrupa, fora de toda escola política, todos os trabalhadores conscientes da luta dirigida pela desapareição do assalariado e do patronato.”

Como tal,

“Por obra da reivindicação cotidiana, o sindicalismo procura a coordenação dos esforços obreiros, o aumento do bem-estar dos trabalhadores através da realização de melhorias imediatas, tais

como a diminuição das horas de trabalho, o aumento dos salários, etc. »

Mas a Carta acrescenta:

“Mas esta tarefa não é mais do que um aspecto da prática do sindicalismo; ela se prepara para a plena emancipação; ela só pode ser alcançada através da expropriação capitalista; ela defende uma greve geral como meio de ação e considera que o sindicato, agora um grupo de resistência, será no futuro o grupo de produção e distribuição, a base da organização social.”

Ou seja, os trabalhadores que aderiram à CGT em 1906 sabiam que o objetivo da organização era abolir o trabalho assalariado e assumir o controle da produção e da distribuição. Penso que os estatutos da CGT portuguesa não devem ser diferentes e que os trabalhadores portugueses que a ela aderiram também devem saber qual foi a situação.

O problema com uma organização de massa de trabalhadores é que ela opera em uma base eletiva: Os mandatos são eleitos em cada congresso por trabalhadores que, precisamente, não são todos necessariamente anarquistas.

Mesmo que aceitemos que uma organização sindical não deve “ser anarquista”, mas que deve funcionar de forma libertária, ela é constantemente ameaçada pela chegada de militantes que não compartilham todas essas opções libertárias. Isto é chamado “nucleação”. Isto é o que aconteceu com a CGT francesa. Gradualmente, antes da Grande Guerra, os militantes revolucionários que detinham mandatos em todos os níveis da organização foram gradualmente substituídos durante as eleições por militantes reformistas. Depois da revolução russa, ela foi “afogada” pelos comunistas que eventualmente assumiram o controle dela, e os sindicalistas revolucionários, muitos dos quais eram anarquistas, foram incapazes de enfrentá-la.

Foi o que aconteceu em quase todas as organizações sindicais revolucionárias, exceto a CNT espanhola, porque havia um núcleo anarquista muito forte, e porque dois delegados enviados pela CNT à Rússia (Angel Pestana e Gaston Leval) fizeram relatórios desfavoráveis que convenceram a CNT, no Congresso de Saragoça de 1922, a não aderir à Internacional Sindical Vermelha. Além deste caso, os anarquistas foram incapazes de enfrentar a emergência de núcleos comunistas nas organizações

sindicais onde tinham uma posição dominante. Uma vez constatado este fracasso, a situação tornou-se imparável.

As coisas correram exactamente da mesma forma na América Latina. A literatura de muitos grupos latino-americanos específicos evoca esse fracasso, atribuindo-o, mais ou menos explicitamente, à incapacidade dos anarquistas dos anos 1920 de se organizarem para contrariar a penetração comunista no movimento sindical, e eles têm razão. Eles mencionam a necessidade de implementar uma estratégia para recuperar o “vector social”, de acordo com sua linguagem. Em princípio, têm toda a razão, mas permanece a questão de saber que tipo de relação deve ser estabelecido entre uma organização anarquista e um “vector social”: “A crise do sindicalismo revolucionário tiraria dos anarquistas seu vetor social”, escreve Alexandre Samis (“Pavilhão Negro sobre Pátria Oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil”. In: História do Movimento Operário Revolucionário. São Paulo: Imaginário, 2004, p. 181.).

A impossibilidade de imaginar uma relação efectiva entre a corrente “sindicalista” e a corrente “específica” do movimento libertário levou o movimento anarco-sindicalista francês a uma situação dramática. Após a última guerra, uma CNT francesa foi formada nas ruínas da CGT-SR. Naquela época, muitos sindicatos franceses ficaram exasperados com o domínio comunista sobre a CGT e pediram para aderir à CNT francesa, que era então dominada por membros da FAI espanhola no exílio e que exigiam que os sindicatos afirmassem ser anarquistas. Naturalmente, recusaram e a CNT francesa permaneceu no estado de microgrupo. Hoje, a CNT francesa, que mais tarde conheceu um desenvolvimento real, está dividida em 3 ou 4 organizações, uma divisão baseada em diferenças complexas relacionadas à sua referência ou rejeição do anarquismo.

Em conclusão, tem razão quando diz que é “a favor da criação de sindicatos de base, não de sindicatos anarquistas”. Mas nesses sindicatos de base, inevitavelmente haverá diferentes correntes políticas competindo para, na melhor das hipóteses, influenciar os trabalhadores, na pior das hipóteses, assumir o controle da organização. Como os anarquistas devem se organizar para enfrentar tal situação?

Diz que é difícil entender a minha posição sobre este ponto-chave.

Não tenho solução, porque depois de 50 anos de militância anarquista não vejo o movimento avançar, ou tão pouco. O único elemento positivo que vejo é a CGT espanhola, mas que também se formou após um confronto

entre, por um lado, o que percebo como uma corrente ligada aos valores tradicionais do movimento e uma corrente modernista que quer ter em conta as especificidades do período actual.

De um modo geral, tenho a impressão de que tudo o que o movimento tem feito é baseado em deficientes fundamentos táticos, estratégicos e até doutrinários.

Então, quem sou eu para dizer: “Eis o que fazer”?

No entanto, há uma série de coisas que eu sei.

- Nenhuma revolução será capaz de transformar fundamentalmente o sistema se os trabalhadores que constituem a força viva da sociedade não estiverem anteriormente agrupados em uma organização de massa.
- Nenhuma organização de massas poderá escolher uma orientação libertária se os anarquistas não atuarem em massa nesta organização de forma coordenada, assumindo mandatos eletivos, estando constantemente presentes nas lutas.
- Os anarquistas não podem privar-se de uma organização estruturada, seu modo de intervenção, público ou não, sendo variável de acordo com as circunstâncias.

Abraço fraterno

René Berthier“